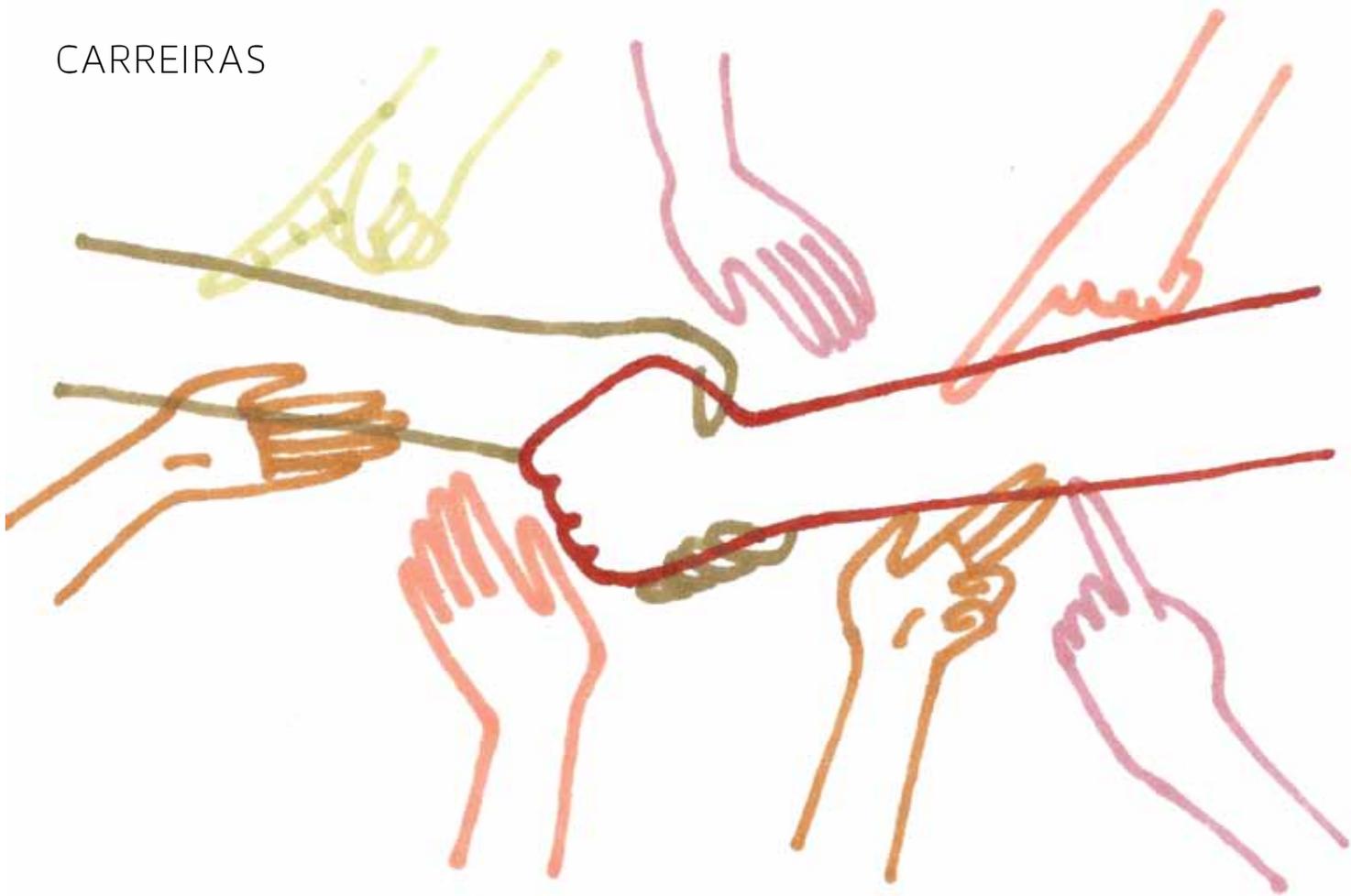


CARREIRAS



NETWORKING

Conexões que geram frutos

Investir na criação de uma rede de contatos é essencial para ampliar oportunidades de trabalho e parcerias em projetos de pesquisa

A maioria dos projetos de pesquisa hoje envolve pesquisadores de diferentes áreas e instituições, públicas ou privadas, em colaborações muitas vezes concebidas em conversas informais travadas nos intervalos de conferências, simpósios e workshops, ou via internet, por meio das redes sociais. Em muitos casos, os cientistas tomam conhecimento de novas oportunidades de trabalho ou são admitidos em laboratórios de universidades e empresas do Brasil ou do exterior por meio de indicações ou recomendação de outros pesquisadores com quem estabeleceram conexões. Investir na criação ou no aperfeiçoamento

de uma boa rede de contatos é importante para ampliar oportunidades de trabalho e parcerias em projetos de pesquisa, contribuindo direta ou indiretamente para o desenvolvimento da carreira.

A construção de uma rede de contatos científicos pode ser feita de várias maneiras. Ao ler um estudo em uma revista de prestígio, o pesquisador pode tentar contato com os autores principais e trocar ideias sobre assuntos de interesse e possíveis colaborações. No entanto, eventos científicos costumam ser o ambiente ideal para esse tipo de atividade, permitindo aos pesquisadores apresentar seus trabalhos e ilustrar suas

competências, interagir com outros cientistas e se atualizar sobre as discussões e novidades em sua área de atuação. Muitas vezes, essas interações podem resultar em colaborações científicas, cartas de recomendação, redação, revisão de artigos científicos, entre outros.

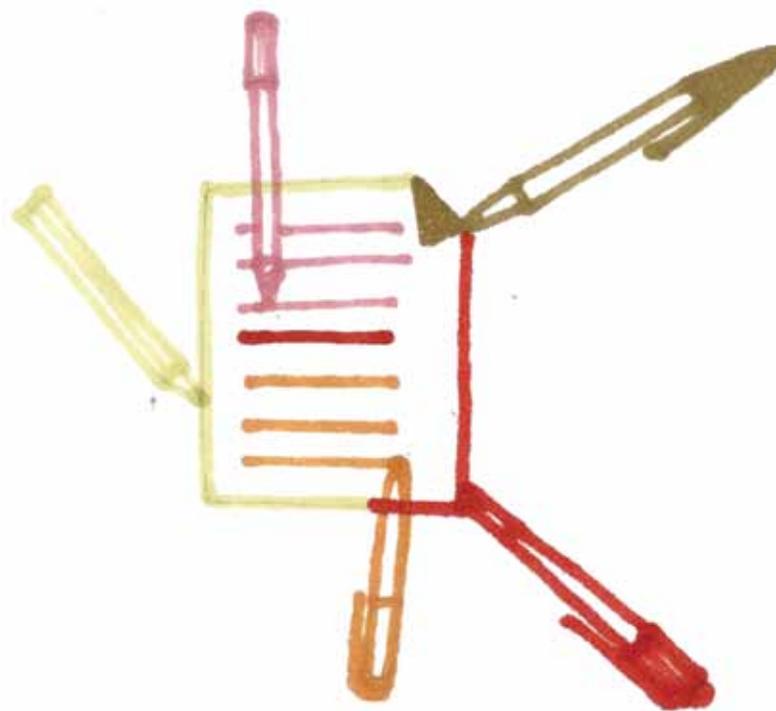
Para os estudantes de graduação que desenvolvem projetos de iniciação científica, recomenda-se uma conversa com o orientador para que, juntos, escolham os eventos científicos mais interessantes. A opção deve privilegiar eventos nos quais seja possível apresentar trabalhos na forma de pôster ou oralmente. Após a apresentação, caso o orientador esteja presente, vale

a pena pedir para ser apresentado a pesquisadores mais experientes que trabalhem em áreas semelhantes. As discussões que se seguem às apresentações costumam ser valiosas e podem favorecer esse tipo de interação, ajudando na construção ou no aperfeiçoamento de uma rede de contatos.

No caso de pesquisadores de mestrado e doutorado, participar de eventos maiores, com pesquisadores do Brasil e do exterior, pode ser a melhor estratégia. Durante as discussões informais é possível conhecer as dificuldades e falhas envolvendo os trabalhos dos colegas, ampliando as possibilidades de colaborações e fortalecendo as conexões. “É importante usar esses encontros para deixar transparentes os interesses, fazer perguntas, trocar informações, criar novos contatos e, desse modo, construir ou reforçar sua reputação como um cientista colaborativo e interativo”, destaca o biólogo brasileiro Alysson Muotri, professor da Faculdade de Medicina da Universidade da Califórnia em San Diego, nos Estados Unidos. Ele recomenda que nessas situações o indivíduo saia da zona de conforto e supere a timidez, reunindo-se com pesquisadores que não conhece, conversando sobre seus trabalhos, procurando conexões com os estudos que esteja desenvolvendo.

Uma forma de aproveitar ao máximo esses eventos é se preparar com antecedência, analisando e selecionando as palestras que pretende assistir, e estudar o currículo dos palestrantes que trabalham com assuntos correlatos. Durante o evento, procurar marcar encontros para discutir ideias e trocar cartões e retomar esses contatos tempos depois para continuar o diálogo.

“O pesquisador, na universidade ou na empresa, precisa saber o que quer e ter em mente que o networking é uma via de duas mãos. Deve ser feito de forma responsável”, destaca a engenheira química Wang Shu Chen, pesquisadora do Centro de



Pesquisa e Desenvolvimento (P&D) da Saint-Gobain no Brasil. Chen foi convidada para trabalhar na Saint-Gobain após a multinacional comprar a Adespec, empresa de tecnologia de adesivos criada por ela em 2001. Por muito tempo ela trabalhou em companhias fabricantes de colas e adesivos e estabeleceu várias conexões que mais tarde a ajudaram a fundar sua própria empresa.

“Quando estava na universidade, preocupava-me essencialmente em fazer networking para ter mais possibilidades de colaboração científica. Hoje, na empresa, uso o networking para encontrar pessoas que possam me ajudar a resolver problemas no setor de pesquisa e desenvolvimento”, explica o biólogo Diogo Biagi. Ele é um dos sócios-fundadores da Pluricell Biotech, startup dedicada à produção e comercialização de células-tronco pluripotentes induzidas, células maduras que podem ser reprogramadas para gerar diferentes tecidos.

Ele conta que no início da startup usou sua rede de contatos para ter acesso aos diretores de inovação de grandes empresas da área de cosmético. Após várias reuniões, conseguiu estabelecer parcerias com algumas delas. “Outro caso

interessante foi quando estava em um evento científico de brasileiros em Harvard, nos Estados Unidos. Após o encontro, muitos foram embora, mas alguns foram a um pub para conversar. Lá, fui apresentado a uma pesquisadora brasileira com uma empresa no Canadá e, hoje, estamos conversando para desenvolver produtos em parceria.”

Investir na construção de uma boa rede de contatos também significa cultivar um bom relacionamento com os pesquisadores com os quais o indivíduo já trabalha. Nesse sentido, a recomendação dos pesquisadores seniores é usar regras básicas de etiqueta, de modo a facilitar o contato com os colegas. “Ser cortês, respeitoso, saber ouvir e falar em um tom de voz moderado são qualidades valorizadas no meio acadêmico internacional”, comenta Muotri. Segundo ele, investir em um relacionamento saudável e produtivo com colegas de laboratório, do orientador ao aluno de iniciação científica, é importante no longo prazo, como na hora de solicitar cartas de recomendação ou indicação para novos cargos. “Gosto de elogiar meus colegas quando eles publicam um trabalho interessante e discutir ciência com

pessoas de outras áreas, e percebeo que essas ações ajudam a manter a minha rede de contatos.”

Hoje, com o avanço tecnológico, o networking pode ser feito por meio das redes sociais. Uma pesquisa feita pela Springer Nature com mais de 3 mil pesquisadores dos Estados Unidos, Europa e Ásia verificou que mais de 70% dos entrevistados reconhecem que deveriam usar e promover com mais afinco as suas pesquisas nas redes sociais.

Como a maioria das ferramentas digitais, as mídias sociais podem ampliar as oportunidades de networking e ajudar até mesmo a conseguir emprego, estágios de pós-doutorado ou parcerias de pesquisa, explica Wang Shu Chen. Entre as mais conhecidas estão a Academia.edu e o ResearchGate, redes sociais específicas para pesquisadores. A pesquisa também constatou que 68% deles mantinham seus perfis ativos nessas plataformas apenas para o caso de alguém querer entrar em contato. O Google Acadêmico é outra ferramenta que ajuda na comunicação entre cientistas. Segundo o estudo, 66% dos entrevistados usam a plataforma.

Já no LinkedIn, rede social de negócios, é possível se juntar a grupos relacionados aos seus assuntos de interesse e trocar informações sobre novas pesquisas, equipamentos e oportunidades de trabalho. Também o Twitter pode ser útil: nos últimos anos, o serviço de microblogue se tornou uma das principais plataformas para a divulgação e discussão de estudos científicos, segundo um artigo publicado em 2014 pela revista científica *PLOS ONE*.

Um bom exemplo de como a tecnologia pode ser útil nesse sentido é o matemático Jackson Itikawa, que hoje faz seu estágio de pós-doutorado no Instituto de Ciências Matemáticas e Computação da Universidade de São Paulo (ICMC-USP), em São Carlos. Ele foi um dos finalistas do FameLab, competição de comunicação científica realizada

Ampliando as conexões

Algumas estratégias para criar ou aperfeiçoar uma boa rede de contatos científicos



- 1 Eventos científicos costumam ser o ambiente ideal para fazer networking. Use-os para conhecer novas pessoas, compartilhar ideias e ampliar as possibilidades de colaboração.



- 3 Tornar-se membro ativo de sociedades científicas relacionadas à sua área de atuação pode ajudar na construção de uma rede específica de contatos.



- 2 Saia da zona de conforto e supere a timidez, reunindo-se com pesquisadores que não conhece, conversando sobre seus trabalhos, procurando conexões com os estudos que esteja desenvolvendo.



- 4 As mídias sociais ampliam as chances de networking e favorecem novas oportunidades de emprego, estágios de pós-doutorado e parcerias de pesquisa.



- 5 Cultive um bom relacionamento com os pesquisadores com os quais trabalha. Ser cortês, respeitoso e saber ouvir são qualidades valorizadas no meio acadêmico.

em junho de 2016 durante o Festival de Ciências de Cheltenham, na Inglaterra (*ver Pesquisa FAPESP nº 246*). Itikawa competiu com participantes dos Estados Unidos, do Reino Unido, da Coreia do Sul, entre outros. “Aprendi muito sobre divulgação científica, mas o maior networking que resultou do FameLab foi com os finalistas brasileiros da etapa nacional. Temos hoje um grupo no WhatsApp para discutir sobre pesquisa e ensino no Brasil, conquistas relacionadas à carreira, compartilhar oportunidades etc.”

Segundo Wang, para que o networking seja eficiente, é preciso que os pesquisadores procurem se relacionar com as pessoas de um modo mais amplo, não apenas como forma de alavancar a carreira. ■

Rodrigo de Oliveira Andrade

Série de podcasts orienta sobre a vida fora da universidade

Todos os anos, pesquisadores decidem deixar a universidade, seja porque descobriram não mais sentir prazer pelo que fazem ou se deixaram levar por novos interesses e aspirações profissionais. A perspectiva de sair do mundo acadêmico depois de anos de treinamento em pesquisa, dedicação profissional e sacrifícios pessoais costuma ser assustadora. Com o objetivo de orientar pesquisadores em diferentes estágios de desenvolvimento profissional que não têm certeza se estão tomando a decisão correta, um grupo de amigos formado pela bioquímica Amanda Welch, o botânico Ian Street, ambos norte-americanos, e a psicóloga brasileira Cleyde Helena lançou a série de podcasts *Recovering academic*. Os três eram pesquisadores e deixaram a academia para se dedicar a outras atividades profissionais nos Estados Unidos.

A proposta da série de podcasts, segundo eles, é discutir aspectos emocionais relacionados à transição profissional entre a universidade e o mercado de trabalho e ajudar os cientistas que saíram ou estão prestes a sair do ambiente acadêmico. Até outubro haviam sido produzidos 22 episódios com 35 minutos de duração em média. São entrevistas e depoimentos sobre como planejar a carreira fora dos laboratórios, identificar habilidades desenvolvidas durante os anos na universidade, usar as redes sociais para se projetar no mercado de trabalho, entre outros assuntos. Os podcasts estão disponíveis em inglês no endereço:

bit.ly/RecAcademic. ■ R.O.A.

PERFIL

Inovação à flor da pele

A bioquímica Carolina Reis foi para os Estados Unidos criar empresa de tecido artificial para desenvolver produtos antienvhecimento



ARQUIVO PESSOAL

Desde a graduação a bioquímica Carolina Reis procurava trabalhar em pesquisas cujos resultados pudessem ser colocados à disposição da

sociedade de um modo mais rápido e efetivo. No entanto, foi somente em 2015, prestes a concluir o doutorado na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), que ela conseguiu identificar o potencial de sua pesquisa, à época voltada ao uso de células-tronco pluripotentes como modelo para teste de fármacos.

Ao lado de duas colegas, fundou a CellSeq, startup dedicada à produção de diferentes tipos de células humanas que pudessem ser vendidas para empresas da indústria farmacêutica e de cosméticos. Elas submeteram o projeto de negócio ao Startups and Entrepreneurship Ecosystem Development (Seed), programa de aceleração de startups de Minas Gerais.

O programa de aceleração durou seis meses. Foram várias as dificuldades. “Apesar de eu ter me envolvido em muitas atividades ligadas ao empreendedorismo, quando decidi iniciar o projeto não sabia por onde começar, não conhecia as ferramentas ou as etapas de desenvolvimento de um negócio”, conta Carolina.

Um aspecto importante para a viabilidade da empresa era a identificação de seu público-alvo. À época, havia no mundo e no Brasil um intenso debate sobre a necessidade de se substituir o uso de animais em testes de cosméticos. “Aproveitamos o gancho e decidimos

focar nessa indústria, trabalhando no desenvolvimento e na validação de métodos que pudessem substituir o uso de animais no desenvolvimento de novos produtos”, diz.

Pouco depois, o projeto foi aceito para participar do StartUp Brasil, programa de aceleração de startups do governo federal. Apesar do apoio financeiro, o projeto não evoluiu. “A falta de experiência das aceleradoras na área de biotecnologia, associada a um mercado pouco inovador no Brasil, dificultou as coisas.”

Foi durante um Demo Day promovido pela StartUp Brasil em Belo Horizonte em 2016 que os rumos do negócio começaram a mudar. “No evento, empreendedores apresentavam suas ideias de negócio para diferentes tipos de investidores”, conta. Lá, Carolina conseguiu contato com a IndieBio, uma aceleradora de biotecnologia de São Francisco, nos Estados Unidos.

Ela e suas sócias redesenharam o projeto. Após submeterem a proposta à IndieBio e passar por algumas entrevistas, foram selecionadas. Carolina mudou-se para os Estados Unidos e lá fundou a OneSkin Technologies. A empresa começou com o objetivo de reconstruir todas as camadas do tecido da pele para oferecer testes de segurança mais robustos à indústria. Após amadurecer a tecnologia, a empresa desenvolveu um método para quantificar o potencial rejuvenescedor de produtos para a pele. O foco agora é descobrir novos produtos com esse potencial.

A OneSkin conta hoje com sete funcionários, cinco em São Francisco, trabalhando nos produtos em laboratório, e dois no Brasil, focados na análise de dados em larga escala e em propriedade intelectual. ■ R.O.A.